

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

**De desafiantes a membros da *polity*: carreiras de ativistas ambientais no Espírito
Santo**

Brena Costa Lerbach

Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O trabalho problematiza a entrada de ativistas de movimentos sociais para o Estado, por meio da ocupação de cargos de confiança ou comissionados em órgãos públicos, pensando os impactos produzidos sobre suas carreiras ativistas. Para tanto, vale-se dos resultados de um estudo dos itinerários pessoais de seis ativistas ambientais com atuação no Espírito Santo. O estudo, que foi instrumentalizado teoricamente pela sociologia das carreiras militantes, permite concluir que, mesmo para os que se mantiveram ativistas em organizações e lutas ambientais após a entrada para o Estado, houve impactos sobre suas carreiras objetivas e subjetivas, sendo notável uma mudança na visão e na relação com o Estado, compreendido como lugar onde é possível “gerar contribuições”.

Palavras-chave: Ativismo; Carreiras militantes; Movimentos sociais.

Introdução

Há alguns anos os estudiosos dos movimentos sociais vêm apontando mudanças no relacionamento destes com o Estado. Ao contrário da externalidade e da conflitualidade que caracterizavam esta relação na literatura dominante e, de maneira geral, no contexto brasileiro das décadas de 1970 e 1980 – quando a participação popular na política estava interdita, devido à Ditadura Militar (1964-1985) –, as análises empíricas mais recentes apontam que os movimentos sociais podem desenvolver uma relação bastante estreita com o Estado (ABERS, SERAFIM e TATAGIBA 2014; ABERS e VON BÜLOW, 2011; SILVA e OLIVEIRA, 2011). De acordo com Dagnino, Olvera e Panfichi (2006), as experiências latino-americanas demonstram que o histórico das democratizações nestes países tem sido caracterizado por processos não de rigorosa separação, mas de vinculações, articulações e trânsitos entre sociedade civil e Estado, tornando-se mesmo frequente a passagem de lideranças engajadas em movimentos e iniciativas da sociedade civil para posições de responsabilidade política no aparato estatal (ibidem; FELTRAN, 2006; MISCHÉ, 2008). Diante desse quadro, o presente trabalho propõe abordar os trânsitos de

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

lideranças de movimentos sociais para instituições estatais – quando, para usar os termos de Charles Tilly (1977), passam de desafiantes a membros da *polity*¹ – a partir de um enfoque individual (ainda que em permanente relação com os níveis institucional e das estruturas sociais), investigando impactos produzidos sobre as carreiras ativistas. Para tanto, apresentaremos os resultados de uma pesquisa² em que foram estudados os itinerários pessoais de seis ativistas ambientais que ocuparam cargos comissionados ou de confiança em órgãos públicos no estado do Espírito Santo.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira parte falaremos sinteticamente sobre os objetivos do estudo, a base teórica que o instrumentalizou, o recorte e os procedimentos metodológicos utilizados; na segunda, apresentaremos e discutiremos resultados; e, na última, fecharemos a exposição com algumas considerações finais.

1 Estudando carreiras de ativistas que passaram a atuar no Estado

Vários autores têm chamado a atenção para a necessidade de superar certa dificuldade no que diz respeito à integração entre agência humana e estrutura na compreensão de relações e processos políticos, argumentando que os pesquisadores do ativismo e dos movimentos sociais precisam revisitar o papel dos indivíduos nesses processos e nos resultados por eles alcançados (MISCHE, 2008; MORRIS E STAGGENBORG, 2004; MORRIS, 2000). Visando lidar com essas dificuldades, e partindo de uma compreensão da militância como atividade social individual e dinâmica, Olivier Fillieule (2013) propõe a construção de um modelo para analisar o engajamento individual e sua evolução temporal, colocando-o em relação com variáveis contextuais e situacionais. Para tanto, recorre ao conceito de carreira, desenvolvido pelos interacionistas simbólicos:

Em sua dimensão objetiva, uma carreira é “uma série de novos status e ofícios definidos claramente... típicas sequências de posição, realizações, responsabilidades, e mesmo de aventura... Subjetivamente, uma carreira é a perspectiva em movimento na qual a pessoa vê sua vida como um todo e interpreta o significado de seus vários atributos, ações e as coisas que

¹ Em seu *polity model*, Tilly compreende os movimentos sociais como um tipo de interação contenciosa que envolve demandas mútuas entre desafiantes (competidores fora das instituições políticas que tentam influenciar o governo) e membros da *polity* (competidores que tentam influenciar o governo a partir de posições estabelecidas no poder político instituído, com uma rotina estabelecida e baixo custo de acesso).

² Que subsidiou minha dissertação de mestrado em Ciências Sociais, intitulada *Dos movimentos sociais para o Estado: um estudo das carreiras de ativistas ambientais no Espírito Santo* (2015).

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

acontecem com ele” (HUGHES, 1937, p. 409-410 in BECKER, 1966, p. 102 *apud* FILLIEULE, 2010: 4).³

Aplicada ao engajamento político, a concepção de carreira permite compreender, entre outras coisas, como, em cada etapa da biografia, as atitudes e comportamentos são condicionados por envolvimento anteriores (passagem por organizações, socializações secundárias, experiências sociais), colocando também a esfera do ativismo em relação com as outras esferas de vida (profissional, familiar, etc.) do indivíduo, de maneira a contextualizar sua atuação política ao longo do curso de vida. Esta abordagem teórica, intitulada *sociologie des carrières militantes*, foi, então, adotada como instrumental teórico por oferecer ferramentas adequadas para o estudo, que pretendia investigar mudanças nos posicionamentos individuais de indivíduos que, tendo atuado como ativistas, acabaram ao longo de suas trajetórias se inserindo e atuando a partir do Estado.

Assim, a pesquisa teve como objetivo investigar transformações processadas nas dimensões objetivas e subjetivas das carreiras de lideranças do ativismo ambiental que adentraram o Estado por meio da ocupação de cargos, particularmente desempenhando funções relacionadas ao tema do meio ambiente. Quanto à dimensão objetiva da carreira, observamos as posições ocupadas e a atuação propriamente dita (sequências de posição, funções desempenhadas, campos de atuação política e o caráter da atuação política); e, quanto à dimensão subjetiva, buscamos captar mudanças na perspectiva individual ao longo do tempo (perspectivas sobre vida e carreira pessoais, visão sobre a luta política, autoidentificação no estágio atual de sua carreira).

Para o estudo foram selecionadas as trajetórias de seis indivíduos que tiveram atuação reconhecida em lutas ambientais no Espírito Santo, desempenhando papéis substantivos de liderança como organizadores e representantes em organizações, associações ou redes engajadas no movimento ambiental no estado⁴. E que, como já delimitado, ocuparam ou ocupam cargos comissionados ou de confiança no Estado, desempenhando funções

³ Original em inglês: “In its objective dimension, a career is ‘a series of statuses and clearly defined offices... typical sequences of position, achievement, responsibility, and even of adventure... Subjectively, a career is the moving perspective in which the person sees his life as a whole and interprets the meaning of his various attributes, actions and the things which happen to him’”.

⁴ Nesse sentido, fazem parte do grupo: ex-diretores e ex-vice-presidentes da Associação Capixaba de Proteção ao Meio Ambiente - ACAPEMA, colaboradores da Rede Alerta Contra o Deserto Verde, ex-participante e ex-presidente da Associação Espírito-Santense de Biologia - AESB, ex-ativista do Grupo SOS Natureza, diretor e ex-presidente do Instituto Ecobacia, ex-presidente e vice-presidente da Associação dos Amigos do Parque da Fonte Grande - AAPFG, liderança no Movimento ES Salve o Código Florestal Brasileiro, entre outros.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

relacionadas à área ambiental⁵ – dando ou não continuidade à atuação como ativistas. As lideranças foram escolhidas a partir de uma pesquisa prévia a respeito das lutas ambientais no Espírito Santo, que teve como fontes trabalhos acadêmicos, informações disponíveis na internet e duas entrevistas com ambientalistas atuantes no estado. Foram selecionados os seguintes atores, para os quais atribuímos nomes fictícios:

L1 – José (Advogado)

L2 – Regina (Professora universitária – Serviço Social)

L3 – Antônio (Biólogo)

L4 – Leonardo (Biólogo)

L5 – Pedro (Filósofo)

L6 – Daniel (Geógrafo)

A principal forma de coleta dos dados se deu via entrevistas semiestruturadas e em profundidade com as lideranças, que foram gravadas e transcritas, e por meio das quais procedemos à reconstrução dos itinerários individuais pessoais e de atuação política dos entrevistados, possibilitando a análise. Seguiremos expondo e discutindo alguns de seus principais resultados.

⁵ A título de exemplo, podemos citar como cargos ocupados pelas lideranças: assessores (de secretários municipais de meio ambiente, do superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA e de deputados ligados à questão ambiental), secretários e subsecretários (nos níveis municipal e estadual, de meio ambiente e em outras pastas), gerente (de recursos naturais na Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEAMA), técnicos, etc.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

2 Resultados

2.1 Engajamento e militância

Das seis lideranças entrevistadas, cinco iniciaram a militância entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980⁶. Portanto, dentro de um contexto nacional de luta contra a Ditadura Militar; e estadual de urbanização e industrialização do Espírito Santo⁷, levando a uma modificação do cenário principalmente na Grande Vitória. Assim, o período em que os sujeitos entrevistados construíram seu engajamento político foi marcado por grandes mudanças políticas, econômicas e sociais. Hoje estão na faixa dos 50 anos de idade e lançaram-se ao ativismo quando jovens, participando de espaços como as comunidades eclesiais de base; movimento comunitário, estudantil e cultural; partidos; ou diretamente no movimento ambiental (caso dos dois ativistas que são biólogos). As falas de Pedro e de Antônio ilustram a importância do ambiente estudantil para o início de seu engajamento:

E aí passei na Escola Técnica naquela época. (...) tem algo que não está escrito aí no meu currículo, mas que é algo que eu tenho muito carinho na minha vida, é o fato de que eu tive uma formação política, uma participação política muito grande num período, assim, no fim da Ditadura. Desde 79, quando eu vim do interior para cá, eu acabei participando da refundação do Grêmio da Escola Técnica, Rui Barbosa. Meu irmão era ligado a movimento político de esquerda na universidade, um pouco por causa dos círculos de amizade dele. Eu, que saí da minha cidade natal, com 15 anos de idade, eu rompi, perdi todas as minhas amizades, ficaram para trás. E eu aqui fiz um novo círculo. Fiquei muito tempo, assim, congelado, sem novas amizades, mas aí o movimento estudantil me salvou nesse aspecto, porque me deu um novo círculo de amizades. E aí, no movimento estudantil, daí dele eu fiquei conhecendo muitas pessoas e caí num outro tipo de movimento político, que não mais estudantil, mas o movimento comunitário em Vila Velha. Eu era filiado clandestinamente ao Partidão, o Partido Comunista Brasileiro⁸. Junto com uma série imensa de colegas que estão aí até hoje. (...) É uma lista fácil de conseguir no DOI-CODI⁹ (risos), está tudo lá! (Pedro – L5).

É, na universidade a gente começou a participar até... fizemos o primeiro simpósio de ecologia do Espírito Santo! Eu fui um dos organizadores, eu era o secretário. E eu entrei na universidade já para o movimento ecológico. E quem orientou esse primeiro simpósio de ecologia, foi um

⁶ A exceção é o geógrafo Daniel (L6), hoje na casa dos 30 anos. Iniciou o engajamento militante na década de 1990, ao começar a graduação em Geografia na UFES.

⁷ Foi marcante neste contexto histórico capixaba a implantação de Grandes Projetos de Impacto, que levaram à instalação dos parques industriais da Companhia Siderúrgica de Tubarão (atual Arcelor Mittal), da Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale), da Aracruz Celulose (atual Fibria) e da Samarco – sendo que os dois primeiros foram implementados em um raio de apenas cerca de 100 km da capital, modificando o ambiente e as dinâmicas da Grande Vitória (aglomeração urbana composta pelas cidades de Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e pela capital Vitória). Também é importante observar que neste período a Grande Vitória recebeu grande contingente de migrantes: de acordo com dados do Instituto Jones dos Santos Neves (2011), entre as décadas de 1960 e 1970 estes municípios sofreram um acréscimo populacional de respectivamente 156%, 88%, 60%, 123% e 60%.

⁸ PCB.

⁹ Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna, órgão repressor do regime militar.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

marco do ambientalismo no Espírito Santo, que foi orientado pelo Ruschi¹⁰. O Ruschi é que sugeriu os nomes das pessoas que vieram aqui. Nomes importantíssimos. Até como José Lutzenberger, que era um grande ambientalista. (...) E aí desse seminário de 76 surgiram as semanas do meio ambiente. Fazia a semana da Biologia, que acabou virando semana do meio ambiente. A gente debatia basicamente questões ligadas ao meio ambiente. Foi aí que... é, eu posso te dizer que foram os precursores mesmo do movimento ambiental aqui no Espírito Santo. O Ruschi e depois a gente, essa turma aí da Biologia (Antônio – L3).

Uma análise geral a respeito do início das carreiras ativistas dos sujeitos entrevistados revela que, como sugerem os trabalhos de Passy e Giugni (2000) e Klatch (2000), o engajamento foi viabilizado nos casos em que outras esferas de vida (em especial a dos estudos e a profissional, mas também a das relações pessoais de amor e amizade) tiveram proximidade com a esfera do ativismo, impulsionando essas atividades, inclusive para um engajamento político em outras áreas, organizações e temas. Dessa maneira, a militância e a inserção no meio estudantil (principalmente na universidade), e a formação acadêmica e profissional desempenharam importante papel para o início da carreira ativista dos entrevistados. Nesse sentido, mostrou-se recorrente uma concepção militante da atividade profissional e da formação escolar, vistas como instrumento de intervenção política e social (OLIVEIRA, 2008):

Hoje eu vejo que me apaixonei pela Geografia (...). Aí é legal, porque na Geografia você consegue... ela é bem abrangente, né? Apesar de a maioria virar professor – até acho muito digno, acho legal, deveria ser melhor reconhecido, né? Essa profissão – mas eu mesmo nem fiz a licenciatura, porque eu queria enfrentar um outro dragão, sabe. Queria botar a mão na massa. Igual aqui, na Assembleia [Legislativa do Espírito Santo], você pode mexer, fazer, influir na formulação de uma lei, chamar quem entende do assunto para poder opinar... da sociedade, quem tem interesse nisso, né. Ou no executivo, onde você pode mesmo fazer outros tipos de ações diretas, né. Usando a Geografia (Daniel – L6).

Tendo se engajado ainda jovens na militância política, com o avanço no curso de vida deram início à vida profissional – nos casos aqui selecionados, este desempenho do exercício profissional ocorrendo repetidas vezes por meio da ocupação de cargos em instituições de Estado. Trata-se de uma situação bastante particular, uma vez que as mesmas pessoas que desenvolveram um ativismo ambiental, dirigindo protestos ao poder público em vários momentos, passaram a funcionários do Estado, trabalhando com questões ligadas à temática ambiental, seja como assessores, técnicos ou gestores. As experiências de inserção e atuação no Estado, assim como as interpretações pessoais dos entrevistados a respeito da atuação nos dois campos e os relatos das tensões sentidas, serão tratadas a seguir.

¹⁰ Augusto Ruschi (1915-1986), renomado cientista e conservacionista capixaba. É famoso por seus estudos sobre orquídeas e beija-flores, e pelo ativismo pessoal em defesa do meio ambiente. Em 1994, através de lei federal, recebeu o título de Patrono da Ecologia no Brasil.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

2.2 Atuação a partir do Estado: caracterização, tensões e diferenças em relação à militância

A ocupação de posições no Estado se deu por meio da vinculação a partidos políticos, por meio de redes de conhecidos ou mesmo em função da própria militância ambiental. De modo geral, apesar de alguns entrevistados manterem um discurso bastante crítico quanto ao poder público (por exemplo, em relação ao apoio a grandes empresas poluidoras através de manobras para garantir a aprovação indevida de licenciamentos ambientais), frequentemente este foi relativizado, sendo recorrente o entendimento do Estado como um espaço heterogêneo, no qual uma diversidade de grupos e projetos políticos (inclusive os comprometidos com a questão ambiental) disputa o poder. Dessa forma, eles relataram ter contribuído pessoalmente para realizações consideradas positivas nos órgãos onde trabalharam.

Ao reconstruirmos seus itinerários pessoais, observamos que houve repetidamente uma atuação simultânea (ou até mesmo articulada) como ativistas em organizações e lutas ambientais e como quadros do Estado; e que, ao longo das trajetórias, apenas dois dos seis sujeitos do estudo deixaram a atuação no ativismo ambiental à medida que fizeram esta passagem – ainda que tenha havido impactos de ordem objetiva e subjetiva nas carreiras de todos, como será discutido na próxima seção. Para os que atuaram ao mesmo tempo como ativistas em movimentos e como quadros do Estado, esta dupla atuação foi em muito facilitada ou dificultada por características dos gestores/governos. Nas situações em que foi difícil conciliar os dois papéis, tensões decorrentes deste duplo posicionamento se manifestaram, levando algumas vezes a rupturas. Podemos citar o caso de Leonardo, que ao assumir um cargo comissionado na Prefeitura Municipal de Vitória - PMV optou por deixar uma coluna ambiental num canal de TV em que dirigia críticas ao poder público:

[...] eu gostaria muito de poder continuar, mas, sabendo que muitas vezes a gente vai ter questionamentos, né, necessários em relação ao poder público, tanto a nível do estado como a nível do município, eu entendo que vai chegar um momento em que eu posso causar constrangimentos e isso prejudicar a minha vida como profissional dentro da instituição. *E aí que eu acho que é o grande desafio do ambientalista é conseguir sobreviver enquanto profissional e, ao mesmo tempo, você ter sua trajetória com coerência marcada. Entendeu? E definida* (Leonardo – L4).

A fala de Leonardo demonstra que a esfera do ativismo e a esfera profissional podem, apesar de estreitamente relacionadas, estar tensamente colocadas em certos contextos e

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

situações. Outra situação de ruptura como fruto desse tensionamento foi identificada na carreira de José, que teve que deixar a vice-presidência da ACAPEMA para preservar o emprego como técnico na SEAMA:

É porque a entidade tinha um caráter muito de denunciar as coisas com o Estado e tudo e, historicamente, você vê, até hoje não deram uma solução para a poeira, então imagina 30, 40 anos de poeira aí... então denunciava essas coisas todas. E como eu era vice-presidente e eu tava trabalhando dentro do órgão aí... ficou uma situação quase que insustentável. Eu era como se fosse um cargo comissionado, eu não tinha estabilidade, *ou eu assumia que era Estado ou assumia que era ONG*. (...) Porque houve um conflito. Na época, o Antônio¹¹, eu cheguei para trabalhar e uma colega minha falou assim: “você está demitido”. Eu falei assim “como assim tô demitido?”. “Ah, a ACAPEMA fez uma nota aí, o secretário está puto, ele sabe que você é vice-presidente. Ele vai demitir você.” Eu falei “mas como é que vai ficar lá...”. “Tem um jeito”, e não sei o que: “o único jeito é você se afastar da ACAPEMA”. Aí eu me afastei (José – L1).

Segundo José, com outros gestores e deputados com quem trabalhou não houve problema (principalmente os mais ligados a movimentos sociais), sendo possível trabalhar nos órgãos sem prejuízo para a atuação como ativista ambiental. E houve também casos em que o rompimento se deu com o poder público. Leonardo relatou ter pedido demissão duas vezes da PMV por discordar, “enquanto ambientalista”, das decisões tomadas. Uma dessas situações foi contada na citação a seguir:

E ela me chama [a ex-secretária de meio ambiente de Vitória], então, para assumir a coordenação, querendo fazer com que as coisas acontecessem. “Olha, Leonardo, em vez de você ficar batendo, por que você não me ajuda a construir?”. Eu falei “eu aceito o desafio, agora, eu deixo claro para você que, enquanto a gente puder construir, eu vou continuar construindo com você. Agora, se em algum momento eu entender que não é possível, você pode ter certeza que eu vou continuar criticando aquilo que está sendo feito aqui”. Foi quando, então, ela, junto com o IDAF¹², autoriza o corte de quase um hectare de vegetação nativa e exótica ao lado da reserva ecológica do Itapinambi, ali próximo ao Hospital Infantil, para (...) uma empresa muito poderosa que queria construir mais algum empreendimento imobiliário ali. Eu, enquanto coordenador, não concordei; meus técnicos, que estavam subordinados a mim, não concordaram com o desmatamento; e mesmo assim ela passou por cima e permitiu que fosse cortado. Não tomei conhecimento no dia, no outro dia eu fui lá ver o que tinha acontecido e de lá mesmo eu liguei para o meu subsecretário, o Ronaldo, e falei “olha, Ronaldo, eu queria te avisar que eu estou aqui vendo o que estou vendo, estou denunciando o que está acontecendo aqui, e estou te avisando que segunda-feira eu estou pedindo demissão do meu cargo”. E assim eu fiz (Leonardo – L4).

Assim, vemos que nem sempre as atividades como ativistas e quadros do Estado foram conciliáveis, fixando-se como desafio o equilíbrio entre ambas.

Por terem lidado com a questão ambiental a partir de duas perspectivas diferentes (como lideranças ativistas do movimento ambiental e como quadros do Estado), pedimos aos

¹¹ A L3, que também fez parte do estudo e que na época ocupava o cargo de secretário de estado de meio ambiente.

¹² Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

entrevistados que as diferenciavam a partir de suas vivências. De acordo com suas percepções, enquanto o ativista teria como papel atuar como crítico, fazendo reivindicações e denúncias, e explicitando problemas e contradições; ao técnico/gestor público caberia construir soluções para os problemas por meio da proposição e execução de políticas, devendo respeitar legislações e competências específicas ao órgão e à função exercida, estando também limitados por compromissos com grupos políticos e econômicos. Como as experiências vividas a partir deste segundo papel tiveram rebatimento sobre as carreiras ativistas dos entrevistados objetiva e subjetivamente será o tema do próximo item.

2.3 Impactos produzidos sobre as carreiras ativistas

Ainda que não possamos estabelecer fronteiras fixas, sociedade civil e Estado consistem em dois diferentes lugares de atuação; e a atuação em ambos os campos deixa marcas nos indivíduos que por eles passam, impactando sua maneira de agir e de interpretar as questões que os cercam. Ao analisarmos os itinerários pessoais dos ativistas, constatamos, de maneira geral, que a atuação no poder público gerou impactos sobre as carreiras: a) objetivamente - na formação técnica; em indicações para novos cargos, possibilitando seguir uma trajetória profissional no setor público; no aumento do acesso à informação; e b) subjetivamente - na percepção de que é possível “gerar contribuições” a partir do Estado; de que “fazer coisas dentro de órgão público é difícil”; no desenvolvimento de uma visão do Estado como espaço heterogêneo, havendo uma relativização da crítica (em que trabalhar para certos políticos “é diferente”), entre outras observações. Como a exposição da análise de todas as carreiras ultrapassaria os limites do trabalho, escolheremos alguns exemplos para ilustrar pontos de reflexão que nos pareceram interessantes. Começaremos chamando a atenção para as carreiras objetivas de José e Antônio, representadas graficamente nas figuras 1 e 2.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos

23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Figura 1 - Trajetória política da L1 - José¹³

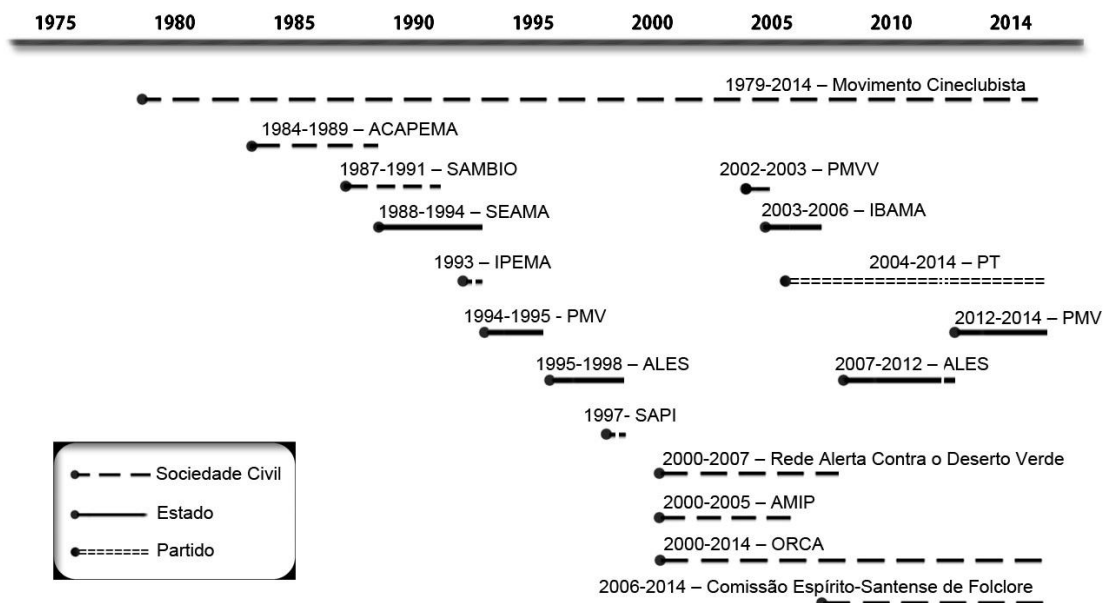
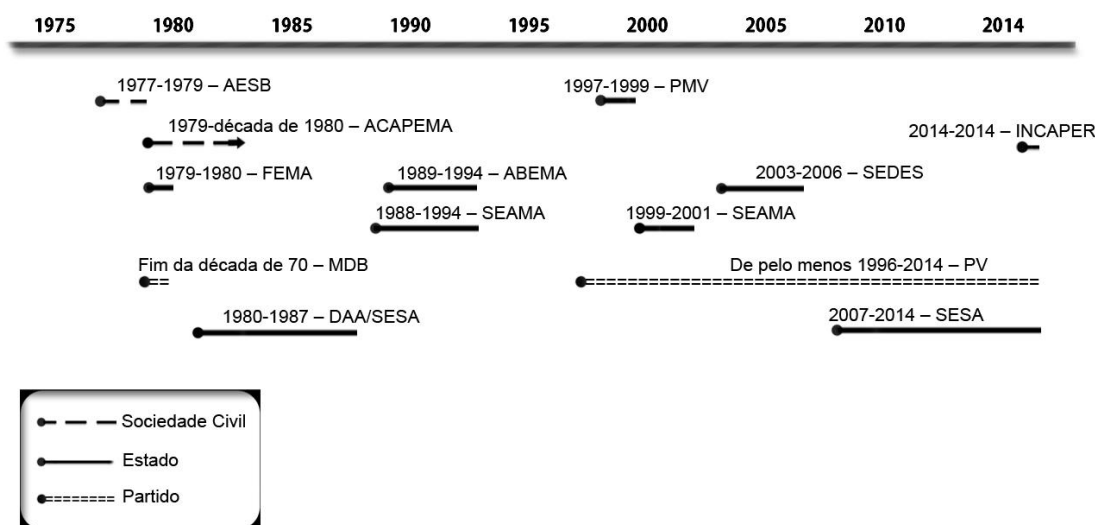


Figura 2 - Trajetória política da L3 - Antônio¹⁴



¹³ SAMBIO - Sociedade dos Amigos do Museu de Biologia Mello Leitão, IPEMA - Instituto de Pesquisa da Mata Atlântica, PMVV - Prefeitura Municipal de Vila Velha, PT - Partido dos Trabalhadores, ALES - Assembleia Legislativa do Espírito Santo, SAPI - Sociedade dos Amigos do Parque de Itaúnas, AMIP - Associação dos Amigos do Piraquê-açu, ORCA - Organização Consciência Ambiental.

¹⁴ FEMA - Fundação Estadual de Meio Ambiente, ABEMA - Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente, SEDES - Secretaria de Estado de Desenvolvimento do Espírito Santo, MDB - Movimento Democrático Brasileiro, PV - Partido Verde, DAA/SESA - Departamento de Assuntos Ambientais da Secretaria de Estado de Saúde, SESA - Secretaria de Estado da Saúde, INCAPER - Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural.

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES

Ao retratar os principais pertencimentos políticos de José ao longo de sua trajetória, a Figura 1 traz o exemplo de um caso em que houve continuidade da atuação como ativista mesmo após a entrada para o Estado. Vemos que são muitos os vínculos e que vários são simultâneos, levando a concluir que José sustentou uma vasta atuação paralela em ambos os espaços. Já a Figura 2 ilustra um caso de desengajamento em relação ao ativismo, o de Antônio. Ela revela que, com a progressão da atuação em órgãos públicos (no caso específico, indo de estagiário na FEMA, instituição que abriu caminho para a criação da SEAMA, a secretário de estado de meio ambiente por três vezes), Antônio cessou seus vínculos com organizações de movimento social ambientais. Ele conta que os discursos dos colegas da ACAPEMA passaram a soar “meio infantis” e passou a adotar o Estado como novo lugar de atuação, defendendo que algumas vezes as lutas ambientais carecem de argumentos embasados tecnicamente:

[Parei de participar da ACAPEMA] quando eu comecei a trabalhar mais tecnicamente dentro da Secretaria de Saúde, quando a gente já começou a praticar, né. (...) Mas ali também a gente já estava desempenhando uma função no governo. Eu colaborava com eles, demais. Quando você tem a oportunidade de fazer alguma coisa, né. E a gente começou a trabalhar. Fizemos a primeira proposta da primeira lei de meio ambiente. Eu fui autor dessa minuta, da primeira lei de meio ambiente, junto com outros companheiros lá do Departamento de Ações Ambientais. Então a gente começou a militar na prática. Começamos a preencher os espaços que a sociedade tinha e que não estava ocupando, pela questão ambiental, pela gestão do meio ambiente. Aí começamos a falar que as empresas que viessem para cá teriam que se licenciar, ter a licença ambiental. “Ai, que absurdo! Para quê?” E começamos também a trabalhar as empresas que já estavam implantadas, o que elas tinham que fazer para controlar o seu processo de produção, para não emitir poeira para o ar, não jogar água poluída (...) nos rios. Como eu tinha esse espaço, eu trabalhava menos na ACAPEMA. Às vezes eu ia para a ACAPEMA, eu ouvia umas conversas já meio infantis. Porque a gente já estava desenvolvendo como governo. Não é porque é governo que vai ser reacionário. Então a gente tinha uma oportunidade dentro do governo de estar influenciando. Mesmo sem recursos, sem estrutura, mas um processo de convencimento muito grande. A gente também tinha a capacidade de gerar atenção da mídia para aquelas questões que a gente levantava, então isso nos dava força. E aí a gente ganhava espaço na sociedade e até mesmo lá dentro da estrutura do governo. A gente ia conquistando isso, né (Antônio – L3).

Assim, Antônio passou de militante da causa ambiental a técnico e gestor público, tendo sua carreira modificada objetiva e subjetivamente. Apenas ele e Pedro¹⁵ relataram não participar mais de movimentos ambientais; e são os únicos que guardam a característica de, tendo iniciado a trajetória política ligados a partidos colocados à esquerda (MDB e PCB) do espectro político-partidário, terem deslocado seus pertencimentos, alianças e preferências políticas para o centro. Mas não foi apenas entre eles que verificamos impactos. Estes também foram observados nas carreiras dos que deram continuidade ao

¹⁵ Que, apesar de atualmente participar da ONG Instituto Ecobacia, não se considera mais um ativista ambiental, e sim um “quadro dos recursos hídricos”.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

engajamento militante, como se observa no caso de Leonardo. Ao longo de seu itinerário pessoal, ele combinou carreira ativista e trajetória profissional (boa parte das vezes em órgãos públicos) e, no momento atual do curso de vida, diz ter mudado de uma postura mais “combativa” (majoritariamente baseada na crítica) para uma postura “proativa”, ajudando o Estado a construir soluções na área ambiental:

E hoje eu tenho que buscar uma atitude muito mais proativa, no meu entendimento, já com 56 anos de idade, do que combativa. E eu entendo. *É por essa razão que eu fui convidado pelo atual secretário municipal de meio ambiente (...), que entende que eu posso contribuir muito, com toda minha experiência profissional, dentro do órgão construindo. Bem mais do que simplesmente atacando ou criticando (Leonardo – L4).*

E essas dificuldades [de conciliar a atuação como ambientalista e o exercício profissional em órgãos públicos], elas têm níveis diferentes de dificuldade e que, dependendo, ela pode chegar ao extremo de tomar uma medida radical. Como eu fiz em dois momentos, pedindo demissão da Prefeitura de Vitória. Entendeu? Agora, há momentos em que você discute, há momentos em que você vai às raias da loucura, mas não necessariamente precisa tomar atitudes radicais. *Eu acho que o crescimento e o amadurecimento do homem estão justamente nesse processo. Eu, durante muito tempo na vida, inclusive na minha trajetória no COMDEMA¹⁶, fui visto como é hoje visto o Moreschi¹⁷. (...) Ele é um cara hoje, que eu me vejo há 8 anos atrás, há 6 anos atrás (sic). Entendeu? Ele vê o Estado como um inimigo. Um inimigo que tem que ser derrubado. Um inimigo que tem que ser humilhado. Um inimigo que tem que ser destruído. E não há como fazer isso. Você não pode pensar que nem o Estado, nem tampouco o interesse econômico, sejam inimigos que você tem que abater. Não. Eu diria que são instâncias que você tem que ajudar a fazer que aconteçam de forma diferente. Você tem que contribuir para que isso mude. E você tem duas formas de contribuir, seja na dor ou no amor – como a gente costuma dizer nas relações pessoais. (...) Você não precisa ter uma relação de amor com as instituições públicas, mas você pode ter uma relação muito mais profícua se você conseguir construí-la, se você participar do processo de construção, do que só do questionamento. Porque quando você só questiona, você não produz. (...) Eu diria que [passo atualmente] muito mais [por] uma mudança comportamental de atitude. Saíndo muito mais do ativismo simplesmente questionador para um ativismo mais produtivo (Leonardo – L4).*

Vemos, assim, uma “desradicalização” de seu discurso e postura pessoais, dando novos contornos à sua carreira ativista subjetiva e objetiva (uma vez que tal mudança de atitude tem orientado suas ações e aberto oportunidades para a atuação no Estado, como expresso no trecho em itálico da primeira citação). Os casos de Antônio e Leonardo demonstram, desta forma, como a atuação em órgãos públicos deu novos direcionamentos aos itinerários como ativistas da causa ambiental, reorientando seus posicionamentos, preferências e crenças.

¹⁶ Conselho Municipal de Meio Ambiente.

¹⁷ Eraylton Moreschi Junior. Líder do Grupo SOS Espírito Santo Ambiental.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

Considerações finais

Retomando o propósito do trabalho, que consistiu em investigar impactos da atuação em instituições de Estado, por meio da ocupação de cargos comissionados ou de confiança, sobre as carreiras de lideranças do ativismo ambiental, finalizaremos sintetizando alguns pontos de reflexão.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, contrariamente ao que se poderia esperar, a inserção em órgãos públicos na maioria dos casos não produziu desengajamento das lutas ambientais - o afastamento da atuação como ativistas só aconteceu em duas das trajetórias estudadas. No entanto, impactos foram produzidos em todos os casos, transformando a maneira como compreendem a luta política e as relações com o Estado.

Nesse sentido, constatamos que a simultaneidade da atuação em movimentos e no Estado foi recorrente. Contudo, apesar da proximidade variável entre os dois tipos de atividade, observamos que a experiência da atuação a partir do poder público foi percebida de maneira diferente do ativismo em movimentos e entidades pelos entrevistados, atividade caracterizada pelo tom de crítica e oposição comum aos *desafiantes*. Atuando a partir do Estado, tiveram a oportunidade de “gerar contribuições”, influenciando as ações (e, em alguns casos, mesmo auxiliando na construção) dos órgãos onde trabalharam. Ao mesmo tempo, foram “construídos” pela experiência nos órgãos – seja pelos aprendizados da prática profissional, pelas formações técnicas, pela socialização institucional recebida ou pela própria experiência de posicionar-se como representante do poder público –, o que contribuiu para influenciar itinerários, crenças e opiniões. Assim, por mais críticos que sejam do Estado, os entrevistados em geral acreditam no potencial da atuação dentro dos órgãos.

Por fim, se, por um lado, observamos que a entrada de militantes ambientais para órgãos públicos consiste em uma prática recorrente e que as carreiras estudadas revelam ser possível manter, algumas vezes até de maneira conectada, uma atuação no ativismo ambiental e no Estado; por outro, cabe frisar que este duplo posicionamento não se deu sempre sem dificuldades. A ação individual não pode em quaisquer circunstâncias satisfazer paralelamente ao que demandam movimento e Estado e, como os exemplos da vivência dos entrevistados demonstraram, tensões se manifestaram na medida em que houve incompatibilidade entre as atuações num campo e noutro. Assim, as rupturas

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

ocorreram como produto da impossibilidade de conciliar ambas as atuações. Coloca-se, então, para ativista-quadro público que busca manter a “coerência” o desafio permanente de equilibrar-se entre os dois papéis assumidos.

Referências

ABERS, R.; VON BÜLOW, M. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade? *Sociologias*. Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p. 52-84.

ABERS, R; SERAFIM, L; TATAGIBA, L. Repertórios de Interação Estado-Sociedade em um Estado Heterogêneo: A Experiência na Era Lula. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 57, no 2, 2014, pp. 325-357.

DAGNINO, E.; OLVERA, A. J.; PANFICHI, A. Para uma outra leitura da disputa pela construção democrática na América Latina. In: DAGNINO, E. et al. (orgs.) *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FELTRAN, G. S. Deslocamentos – trajetórias individuais, relações entre sociedade civil e Estado no Brasil. In: DAGNINO, E. et al. (orgs.) *A disputa pela construção democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FILLIEULE, O. Propuestas para un análisis procesual del compromiso individual. *Intersticios – Revista Sociológica de Pensamiento Crítico*. vol 7, nº1, 2013.

FILLIEULE, O. Some Elements of an Interactionist Approach to Political Disengagement. *Social Movement Studies*, 2010, vol 9, nº1:1-15.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES (IJSN). *Processo de urbanização, estrutura demográfica e violência: análise no Espírito Santo e Vitória*. Vitória, ES, 2011. Disponível em: <http://goo.gl/WyX7nL>. Acesso em 21/01/2015.

KLATCH, R. The Contradictory Effects of Work and Family on Political Activism. *Qualitative Sociology*, Vol. 23, No. 4, p. 505-519, 2000.

**I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção
em contextos contemporâneos
23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES**

LERBACH, B. C. *Dos movimentos sociais para o Estado: um estudo das carreiras de ativistas ambientais no Espírito Santo*. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

MISCHE, A. *Partisan Publics: Communication and Contention across Brazilian Youth Activist Networks*. Nova Jersey (EUA): Princeton University Press, 2008.

MORRIS, A. Reflections on Social Movement Theory: Criticism and Proposals. *Contemporary Sociology*, Vol. 29, n.º 3, p. 445–454, 2000.

MORRIS, A.; STAGGENBORG, S. Leadership in Social Movements. In: SNOW, D.; SOULE, S. A.; KRIESI, H. (orgs.) *The Blackwell Companion to Social Movements*. MA, Oxford, Austrália: Blackwell Publishing, 2004.

OLIVEIRA, W. J. F. Engajamento político, competência técnica e elites dirigentes do movimento ambientalista. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 167-186, jun. 2008.

PASSY, F.; GIUGNI, M. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment. *Sociological Forum*, Vol. 15, No. 1, 2000, p. 117-144.

SILVA, M. K.; OLIVEIRA, G. L. A face oculta(da) dos movimentos sociais: trânsito institucional e intersecção Estado-Movimento – Uma análise do movimento de Economia Solidária no Rio Grande do Sul. *Sociologias*. Porto Alegre, ano 13, n.º 28, set./dez. 2011, p. 86-124.

TILLY, C. *From Mobilization to Revolution*. University of Michigan. CRSO Working Paper #156, 1977.